

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 706

POBRE PEQUENINO!...

◆ ◆ Por ISOLDINA ◆ ◆

A PARENTAVA os seus oito anos. Rotinho e descalço, subia a ladeira que conduzia ao recinto onde se realiza a feira do Espírito Santo. Chegou junto de um grupo de barracas onde tilintavam copos, que alguém preparava para quando, mais tarde, afluissem bastantes forasteiros, adeptos do sumo da uva, ao mesmo tempo que no ar pairava um cheiro a bacalhau frito, chiando na frigideira.

A pobre criança levava, com todo o cuidado, um cestinho contendo algumas bugigangas.

Vendo uma fila de vendedores de objectos de barro, colocou-se num espaço vazio entre eles, olhando timidamente em volta — não fôsse alguém disputar-lho — e colocou o cestinho aos pés. Olhou depois as suas pernitas cobertas pela poeira do caminho; limpou à manga esfarrapada o suor da testa onde o sol escaldante empastara uma farrapa loira, e pôs-se a trincar uma cõdea de pão que sacou do bolso.

O Julinho, acompanhado pela criada, viera naquele dia passear à feira. Junto de cada barraca, onde lhe apetecia parar, punha-se a gritar que queria isto e mais aquilo, a ponto da criada já não poder levar mais brinquedos, brinquedos que ele quebraria se lhe desse na gana, ao chegar a casa. Mas a mamã fazia-lhe tódas as vontades e dera dinheiro à criada para satisfazer os caprichos do menino.

Quando chegou junto do pequenito esfarrapado, parou perplexo e perguntou: — «Para que é isso?»

O petiz olhou para eles e, num tom de súplica, respondeu:

— «Isto é para vender e para, com o dinheiro, comprar, depois, um casaco.»

A criada não pôde deixar de sorrir

da ingenuidade do rapazinho. Então, o menino amimado começou a rir, a rir, em face de tão insignificantes brinquedos, (que ele, sem hesitar, lançaria ao lixo), como se alguém houvesse capaz de lhes comprar.

Mais rápido que o pensamento, atira, de súbito, um pontapé ao cestinho, espatifando todo o seu conteúdo.

Não se descreve o desespero da criança pobre, ao ver tamanha desgraça. Um grito agudo ecoou no ar e atraíu vários curiosos. Logo se formou um círculo à volta da vítima e do menino mau. Os vendedores to-



maram a defesa do pobrezinho e o menino mau, viu punhos ameaçadores na direcção da sua cabeça, o que o encheu de terror. Com muito custo, a criada arrastou o Julinho para fora da multidão aglomerada, o qual, logo que pôde, fugiu, muito enfiado, para casa.

Sua mãe, posta pela criada ao cor-





rente do que se passara, mandou imediatamente chamar o pequenito, que ainda chorava inconsolável junto dos destroços da sua mercadoria.

Interrogou-o, então, a boa senhora: — «Dize lá, pequenito: — O que continha o teu cesto? Quanto valia tudo? Quero pagar-te os prejuizos que te causou este menino mau, que tem de ser castigado pela sua teia acção.»

— «Não sei, minha senhora. Eram todos os brinquedos que me foram dados por uma senhora que tem meninos e onde a minha tia anda a trabalhar. Quando ela lhes comprava brinquedos novos, dava-me os velhos. Os meus primos têm fato e vão à escola; mas eu não tenho! Queria ir também aprender... Os fatos que a senhora dá, não chegam para mim porque minha tia tem muitos filhos. E eu... como vi que se vendiam na feira brinquedos, lembrei-me de vender os meus, a fim de arranjar dinheiro para um casaco, um pouco melhor do que este que já está muito rôto.»

— «Pobre pequeno!... disse a senhora com as lágrimas nos olhos. E a tua mãe?»

— «Não sei se a tive algum dia. Foi a minha tia quem me criou...»



— «Julinho... (disse a bondosa senhora). Pensa que podias ser este pobre menino; aparecia-te um menino mau e fazia-te o que tu lhe fizeste...»

— «Não, não, Mãezinha; eu não torno! (Acudiu o Julinho deitando-se no regaço de sua mãe, banhado em lágrimas.) Eu até lhe dou os meus brinquedos todos, se a minha mãezinha me não ralha...»

— «Não ralho, não. Isso só prova que o teu coração não é mau e que, de futuro, serás bom para os pobreszinhos.»

E para o menino pobre, acrescentou:

— «Meu menino; não só levas os brinquedos mas irás, ainda, vestido e calçado decentemente para a escola. Quando tiveres necessidade de roupas ou de comer, procura-me, pois te valerei enquanto puder. Julinho, convida o teu novo amigo para o lanche.»

E o pobrezinho esqueceu todas as suas infelicidades passadas, para se lembrar de que devia a um grande desgosto todas as felicidades presentes e futuras.

ARTES E MANHAS DA RAPOSA E DO CÃO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ESTE caso, por estranho que pareça, é verdadeiro.

Os meus amiguinhos de certo lhe vão achar graça, o interesse que eu lhe achei, por isso aqui o deixo descrito, tal qual foi contado pelo dono da propriedade, onde ele se passou.

Não sei se sabem que há uma raça de cães — fox-terrier — pélo de arame — esplêndida para caçar raposas.

Esses cães, portanto, são considerados seus inimigos.

Pois o tal proprietário duma herdade no Alentejo, possuía um desses cães, e apanhara uma raposinha viva.



(Continua na página 6)

■ POESIA HIEROGLIFICA ■



uma vez um

que tinha um neto estourado.

1 dia, em certo

o endiabrado

resolheu furtar um

que estava sobre um

Muito contente, num pulo,

foi mostrá-lo ao avô

que ficou bastante fulo

e deste modo falou:

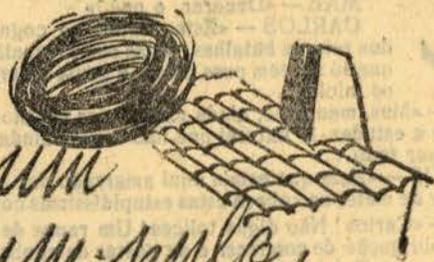
«Ouve, meu neto, roubar

um al aves, a

que Deus fez para voar,

é pior do que assaltar,

para a roubar, uma



UM CARRO TÍPICO DA MADEIRA
A NOSSA CONSTRUÇÃO

Esta construção, que fará um evistão no quarto dos brinquedos, reproduz um carro característico da Ilha da Madeira.

Mãos à obra:

Colem os bois e todas as peças, menos o tejadilho e a parte interior do carro, em cartolina forte, e o restante em cartolina fraca.

Em seguida recortem tudo e comecem por preparar a base e os bancos como mostra o esquema 1

Depois tratemos do tejadilho: Antes de o colarem aos 4 suportes, devem pedir ao papá, quatro mortalhas.

Não para fumarem, pois que é muito feio um menino entregar-se a tal vício, mas para as colarem em cada canto do tejadilho, imitando cortinas: — esquema 2.

Depois preparam-se os bois...

Cola-se a canga aos ditos, logo atrás das hastes, e a peça, em forma de cruz, à canga e ao carro por meio de um alfinete.

E pronto!

Queres ter boa memória?



Por LEONOR DE CAMPOS

CARLOS — «Não consigo decorar isto, pronto!...»

MAE — «Decorar, o quê?»

CARLOS — «Estas datas, os cognomes dos reis, as batalhas, tôdas estas trapalhadas que só servem para maçar a gente e derreter os miolos...»

MAE — «Mas, meu filho, ainda não há dez minutos que começaste a estudar. É natural que não tenhas ainda conseguido fixar tudo...»

CARLOS — «Nem que esteja aqui amarrado dez horas, serei capaz de meter na cabeça estas estupidíssimas coisas.»

MÃE — «Carlos! Não digas tolices! Um rapaz de onze anos tem obrigação de conhecer e de gostar de conhecer a História do seu País.»

CARLOS — «Para quê?»

MAE — «São dignos de admiração, respeito e gratidão de todos nós, aqueles que conseguiram, à custa de muita luta e de muita persistência, fazer dum recanto minúsculo da Península Ibérica, o grande Império Português. E, portanto, justíssimo que lhes decorem os nomes, que sabemos os efeitos que concorreram para se tornarem célebres e as datas gloriosas desses feitos. Não te parece?»

CARLOS — «Pois sim. Tudo isso é muito bonito. Mas a minha memória é fraca e eu não posso decorar.»

MAE — «Não podes, porque não queres.»

CARLOS — «Ora essa, minha Mãe!... Então en terei algum prazer em apanhar más notas e descomposturas do professor? Quem me dera ser o primeiro da minha classe! Mas, para isso, seria preciso ter boa memória.»

MAE — «Se quizeres, tê-la-ás.»

CARLOS — «Mas como?»

MÃE — «Fazendo exercícios com ela.»

CARLOS — «Não percebo.»

MÃE — «Ouve cá: Lembras-te de quando tiveste a febre tifóide?»

CARLOS — «Lembro.»

MÃE — «No dia em que pela primeira vez te levantaste, se te não amparassem, caírias; não é verdade?»

CARLOS — «É, sim, minha Mãe.»

MÃE — «E porquê? Porque estavas deshabitado de andar. E foi preciso depois uma ginástica especial, para reeducares as tuas pernas e as desenferrujares. Com a nossa memória dá-se um caso semelhante. Se não puxarmos por ela, se a não obrigarmos a determinada ginástica, enferrujar-se-á. É o que está a suceder com a tua.»

CARLOS — «Mas que hei-de fazer, então, para a desenferrujar?»

MÃE — «Repete, uma por cada vez e tantas vezes quantas as necessárias, as datas que precisas saber. Depois passas às batalhas, aos nomes célebres, aos cognomes, a tudo o resto. E, pouco a pouco, muito devagar, sem desesperos nem lamentações, ir-te-ás tornando um sa-bichão...»

CARLOS — «Mas para isso é preciso dispôr de muito tempo. E eu tenho sempre tantas lições para estudar, que não sei se poderei...»

MÃE — «Podes, porque queres. É uma questão de método e disciplina. Levanta-te todos os dias uma hora mais cedo. E como de manhã está a memória mais fresca, aproveita para estudares a lição de História.»

CARLOS — «Mas assim durmo pouco.»

MÃE — «Não, porque passas a deitar-te às 10 horas, em vez de o fazeres às onze, como até aqui. Ainda ficas com duas horas livres para a brincadeira, depois do jantar. Parece-me que é bastante. Além disso tens os domingos para descansar. Mas eu, se me chamasse Carlos, tivesse onze anos, andasse na quarta classe e gostasse de ser o melhor aluno da aula, nem aos domingos deixava a memória em sossego.»

CARLOS — «Que fazia, então, minha querida Mãezinha?»

MÃE — «De manhã, apenas saltasse da cama, pegava num bom livro de versos ou prosa, e decorava um trechozito. Para começar, agarrava-me aos Lusíadas. Cada domingo, uma estância — oito versos, apenas. Parece-me que não custava muito!...»

CARLOS — «Isso é demais, minha mãe.»

MÃE — «Não é. Acredita que não é. Se persistires nesta ginástica de espírito, terás dentro em pouco esplêndida memória. Já ouviste falar em Demóstenes?»

CARLOS — «Parece-me que sim. Mas não tenho a certeza.»

MÃE — «Era um célebre orador ateniense.»

CARLOS — «Já morreu há muito?»



O PARVO e o FINÓRIO

Por LAURA CHAVES

UM pardal e um tentilhão foram, de combinação, a uma senhora seara que estava mesmo cheinha mas que era uma grande avara dessas espigas que tinha.

O que haviam combinado e falado e magicado, não era coisa com graça por ser uma feia intriga: irem roubar á ricaça cada um a sua espiga.

E foi o que aconteceu. Quando a luz surgiu no céu

já os dois ali voavam, contentes da sua vida, para ver se inda apanhavam a seara adormecida.

Mal eles tinham chegado e as tais espigas roubado, o pardal, que era finório, viu brilhar uma espingarda e disse:— Ora, cebolório! e tratou de pôr-se em guarda,

Voando, numa fadiga, mas sempre agarrado á espiga, houve uma detonação, a chumbada grazinou....

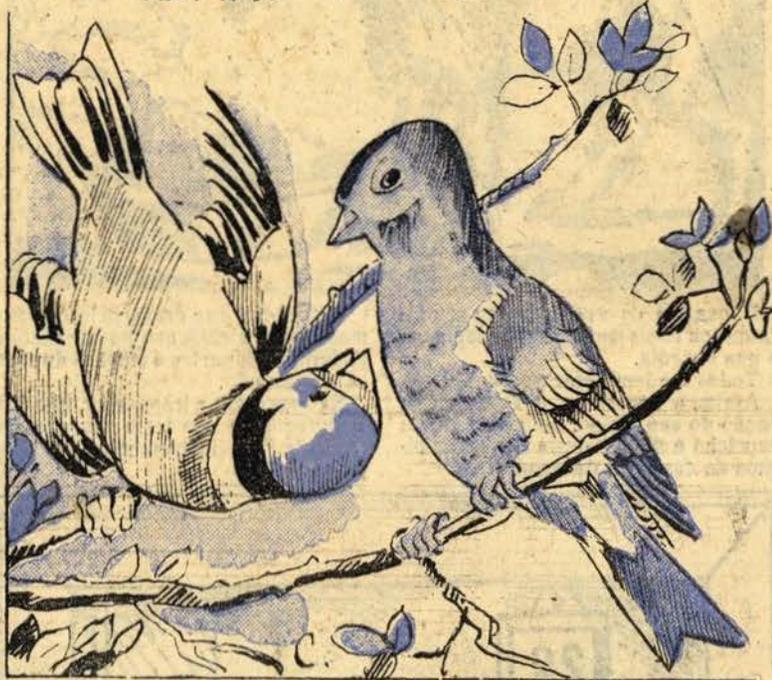


e o parvo do tentilhão a sua espiga largou.

A tremer, cheio de susto, escondeu-se num arbusto e foi então que ele viu — desgraçado passarinho — que o sangue, correndo em fio, lhe saía dum pézinho....

Lá como pôde arrastou-se e ao fim de tempo curou-se, depois de muito penar. Mas ficou estropiado, custava-lhe mesmo a andar... Tinha o pézinho aleijado,

E dizia ao pintassilgo tristemente no seu chilro: O pardal fez o que eu fiz, hoje está gordo e está rico e eu sou um pobre infeliz sem ter migalha no bico! — Esta vida é muito má! Isso bem provado está nos seus gostos desiguais, nas suas predilecções... É melhor para os pardais do que para os tentilhões.



MÃE — «Não!... Apenas há uns... dois mil e trezentos anos, aproximadamente.

CARLOS — «Ih, meus Deus!... E ainda se fala nêle?»

MAE — «É verdade. Morreu 322 anos antes do nascimento de Cristo. E ainda hoje é falado e admirado, graças ao seu talento e eloquência. Pois este homem extraordinário, que nascera fraco e defeituoso, conseguiu tornar-se o mais célebre orador da antiguidade e perpetuar o seu nome através dos séculos. A história da sua vida é curiosíssima.»

CARLOS — «Conta, minha mãe?»

MÃE — «Agora, não. Tens que continuar a estudar.»



CARLOS — «E logo, depois do jantar?»

MÃE — «Talvez. Depende da forma como te portares até lá...»

Se a tua lição de História-Pátria ficar bem sabida — não sei se me entendes...»

CARLOS — «Perfeitamente! Se sim... sim. Se não... não. E' isto, não é?»

(Continua)

DESENHOS ALEGÓRICOS

O desenho que publicamos no último número deste suplemento, é alusivo á fábula:

— «O cão e a carne», do livro «Fábulas de Peiro.»

ARTES E MANHAS DA RAPOSA E DO CÃO

(Continuação da página 2)

Decidira não a matar, tendo-a sempre presa a uma corrente de ferro.

Ora, esses dois animais, em lugar de serem inimigos irreconciliáveis como era natural, tinham-se tornado, pelo contrário, amigos inseparáveis.

Quere dizer, o cão é que não largava a raposa, acompanhando-a com a maior dedicação naquele transe tão doloroso, que devia ser para ela a prisão a que estava condenada.

Era vê-lo, sempre estendido a seu lado, seguindo-lhe os movimentos com a maior ansiedade e ladrando, quando a raposinha regougava, como fazendo o seu protesto por a terem ali presa.

Se a raposinha via, lá ao longe, galinhas e frangos que, descuidados, passavam, despenicando na terra, os seus lamentos redobravam.

E o cão entendia-a perfeitamente! Coitada! Como ela gostaria de abocanhar e engulir os pintos gordinhos, as galinhas anafadas!...

Se não fosse a maldita corrente!...

Ele ainda tentou roçá-la, mas aquilo nem para dentes dum cão possante! Então, ladrava desolado e ela regougava, furiosa.



Mas, certo dia, começaram a desaparecer pintalinhos, depois frangos e mais frangos, e pintos e mais pintos... até uma galinha lev u sumiço!

A caseira burafustava, aflita, sem perceber para onde fugiam ou quem roubava a criação!

O dono da propriedade ordenou que ela ficasse de atalaia, de dia e de noite.

Foi assim que se descobriu o mistério.

A mulher viu o cão vir, cauteloso, como quem diz: — com patinhas de lã, chegar-se ao grande alguidar da comida da criação e encher a bôca de sêneas.

Depois, voltar para trás e ir espalhando as sêneas dali até ao sítio onde a raposinha estava presa, que era distante.

Os pintalinhos, frangos e galinhas,

muito tansos, muito ingênuos, seguiam aquele rasto apetitoso e, sem dar por isso, iam andando... — andando... sempre depenicando as sêneas sabrosas.

A manhosa espreitava-os, muda como um peixe, está bem de vê-los! Não fôssem eles dar por ela!

Descoberta a intrujice, tão bem magicada, o cão foi castigado severamente.

Mandaram-no para uma herdade distante e assim separaram os dois animais.

Para mim, o mistério ainda está por desvendrar.



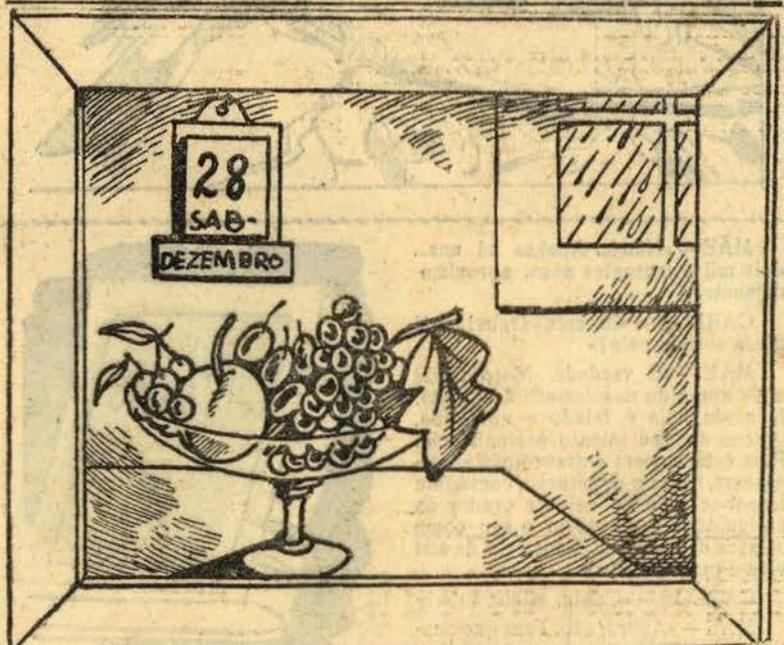
E quando os apanhava ao seu alcance, os meus meninos calculam bem o que sucedia.

Todos lhe iam parar ao bucho!

Assim, a raposinha, devido á dedicação do seu amigo, satisfazia o seu capricho e gula e desta forma os bichos da capoeira desapareciam.

Parece-me que eram, pelo conhecimento dos bichos que nessa manobra andaram, mais artes e manhas de raposa que de cão.

Não seria ela, a trapaceira, que tudo architectou e não teria sido ele, unicamente, um instrumento nas suas patas?



Neste quadro, segundo disseram os criticos, há um defeito, ou antes um erro colossal. Serão os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» capazes de dar com êle?

COMO SE PROJECTA U M A CARRANCA NA PAREDE

Recortem, numa folha de papel escuro, uma cara parecida com a da figura 1. Colem-na num espelho. Pendurem-na num canto da casa (fig. 2) e, com uma vela acêsa, façam a projecção.



Fig. 1

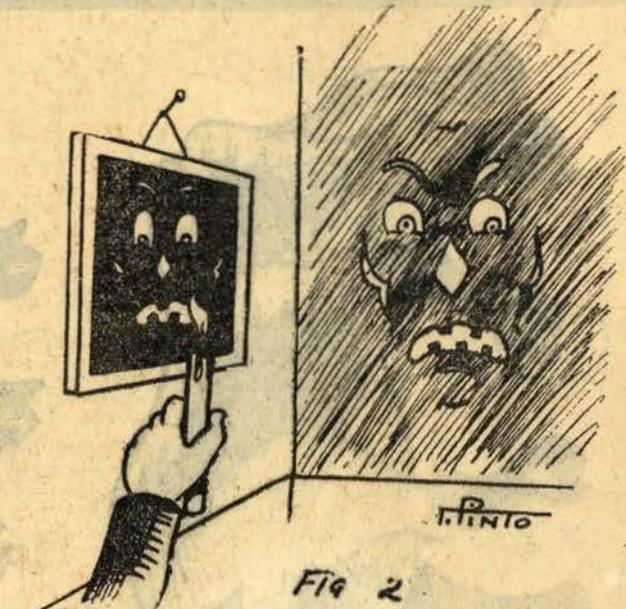


Fig. 2

ENTRETENIMENTO

Apresentem a algum amiguinho, um papel das dimensões da fig. 1 e digam: — «És capaz de passar através deste papel? Ante a resposta negativa, façam o seguinte:—Dêem um corte como está na fig. 1. Dobrem, depois, pelo golpe e cortem-no como se vê na fig. 2. Pronto.

Dobra-se o papel como está na fig. 3 e pode-se assim facilmente passar através do... papel.



FIG 1



FIG 2

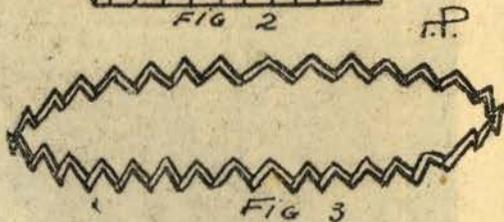
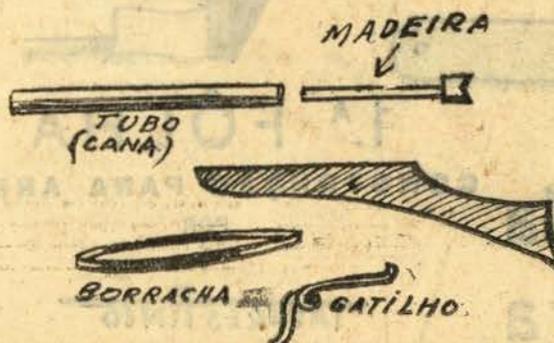
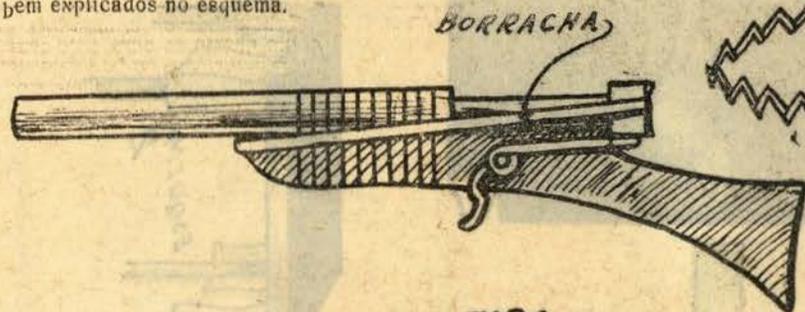


Fig 3

COMO SE FAZ UMA ESPINGARDA

Este brinquedo é dedicado aos meninos pobres, que não vão para as praias, nem têm espingardas de tiro ao alvo.

A maneira de construir e o material que é necessário, estão bem explicados no esquema.

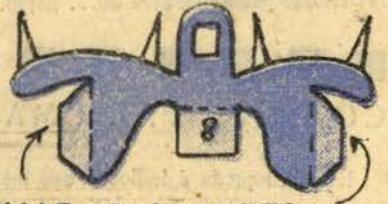
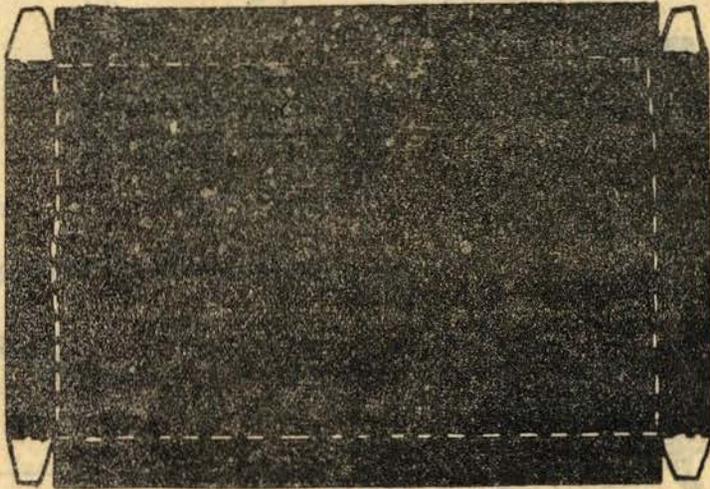


INTER-CAMBIO EPISTOLAR

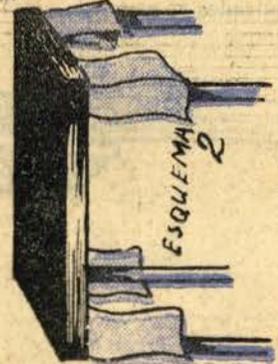
Avisamos as nossas amiguinhas, que queiram participar neste inter-câmbio, de que já temos inscrições de algumas meninas, cujas fotografias publicaremos no próximo número.



COMO SE
PRENDEM OS BOIS
AO CARRO



COLAR POR DENTRO
AOS BOIS



COLAR NA CANGA

1.ª FÔLHA

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR
POR

TAVARES PINTO

Um carro típico da Ilha da Madeira